

Improvável Poética



Marcelo Déda Chagas

Improvável Poética

Aracaju, Sergipe
2013

À vida.

Para Zilda e Eliane; Marcela, Yasmin e Luisa; João
Marcelo e Mateus...
... e Manoel.

Favorece-me com os teus fármacos, Arte
da Poesia, que fazem — por um
átimo — insensível a ferida.

Melancolia de Jasão de Cleandro, poeta em Comagene, 595 d.C.
Konstatinos Kaváfis

De poesia —
mas o que é isso, poesia.
Muita resposta vaga
já foi dada a essa pergunta.
Pois eu não sei e não sei e me agarro a isso
como a uma tábua de salvação.

Alguns gostam de poesia,
Wisława Szymborska

Mesmo miseráveis os poetas,
os seus versos serão bons.

Choro Bandido,
Chico Buarque de Holanda



Sumário

Improvável Poética

Papel para Embalar Insônias	13
O Segundo Gênesis	15
The Anxiety of Influence	18
Palavras Novas	19
No Mercy!	21
MetaCyberPoema	22
Poesia em Lata	24

Pedra

Acrópole	27
Raro Parto	29
Ex-voto	30
Fídias	32
Sal e Mármore	33
Monólogo Sobre a Pedra	35

Coisas e Nomes

Arquivo Morto	39
Canção	40
Darwin	41
Espelho	43
Aliança	45
Gaudí	47
Hermética	48
Infância I	49

London Leaves	51
Melancólica	53
Notícia	55
Atlântico	56
Palestina	58
Péricles com o Elmo	59
Sócrates, o Brasileiro	60
Guitarra Flamenca	61
Taj Mahal	62
Xadrez	63
Trier	64
Bob Dylan	65
Vincent	66
Bandeira	67
Tereza	69
A Ironia de Deus	70
Cine Brasil	73
Tarde	74
Drama	75

Quatro Vozes

Autobiografia Não Autorizada de Sam Spade	79
Lázaro	81
Lobo	85
Tersites	89

Capítulo I

Improvável Poética



Papel para Embalar Insônias

Um ponto
viola o silêncio branco
do papel.

Um fio
desenha o contorno de uma ideia
como a sombra na caverna.

O poema
insinua-se
nas curvas da caligrafia —

cipoal
de signos
caatinga gráfica a acolitar sentidos.

Desenhada
a palavra desidrata-se
sob os olhos do artista.

O lápis
vacila. O verso tropeça:
o poema derrota o poeta.

A mão
avança decidida
sobre a página

Amassa
num golpe
a improvável poética

agora
mera têmpera
manchando os fiapos da folha.

Destruído
o suporte se fez sepulcro:
papel para embalar insônias.

O Segundo Gênesis

— I —

Quando Deus começou tudo a poesia não estava ali com Ele.

Não naquela hora em que viu, vez primeira, o mundo que houvera feito e ficou tonto por que tudo era tanto e diverso e primeiro.

É que antes, quando o espírito de Deus boiava sobre as águas, não havia matizes entre Ele e o silêncio: eram da mesma carne, pois naquele sem-tempo não havia a circunstância, mas a abrangência.

Depois das coisas feitas foi que Deus ouviu
o silêncio-medonho-das-coisas-sem-nome
e fez dele a matéria-prima da palavra.

Pois, nessa horinha mesma, o poeta estava ainda em estado de coisa: era uma fome preguiçosa de ser na hora única em que Deus chamou as coisas por um nome.

E não havia coerência entre o silêncio manuseado pela voz de Deus e as coisas que viravam elas mesmas na hora em que Ele as pronunciava:

— 15 —

Deus dizia as palavras e elas grudavam na carne das coisas, de modo que no momento seguinte a palavra era a coisa e a coisa a palavra!

E Deus gostou do que ouviu. E riu muito e muitas vezes.

— II —

Não havia uma gramática, mas uma sintaxe primal engenheirando as pontes que davam trânsito aos dizeres de Deus.

(A coerência, a gramática e o estilo surgiram depois por arte dos homens que não conheceram Deus no tempo em que Ele sorria).

E as palavras se enchiam de primícias, e davam-se em estripulias e cresciam e se multiplicavam antes mesmo que os homens estivessem criados para dizê-las.

Falava palavras que não nominavam coisas só pelo prazer de vê-las bailando pelo cosmos em busca do seu significado.

— III —

Pois ali, naquele instante, Deus falou “Poesia!” e criou-a
à Sua imagem e semelhança.

Mas o poeta ainda não estava ali em estado de gente —
era só o barro em florescência
e a Poesia uma cabala desvelada onde se guardou
o hálito eterno de Deus.

Maio de 2008

The Anxiety of Influence

Nenhum	poeta	se basta
Nenhum	poema	se imita
Nenhum	verso	se compara:

Toda poesia conflita.

Todo conflito milita:
Rompe a espera. Incita.

Palavras Novas

Palavras novas
têm cheiro de bebê:
vêm à luz
em parto artesanal.

As letras tipográficas
— desenho industrial —
não nos podem dar a palavra
assim no estado de menino-novo
ou de bruguelo de passarinho verde:
estão em estado de dicionário — não menstruam.

Palavras assim compostas
carecem da estufa do ouvido
e da compaixão do olho
para se fazerem novas.
Mas, mesmo assim, ainda não são palavras novas:
reencarnação é o nome e o mistério
carne de palavra é vento.

É preciso descascar as sílabas
e desfolhar fonemas, sabe?
Abrindo vargem úmida
não se acha o grão inteiro — promessa e porvir?
Rasgando a obesa manga espada
não se revela a prenhez amarela dos dezembros?

Palavras novas não aceitam cesarianas
nem podem ser tiradas a fórceps do oco do mundo:
são bem-te-vis em ovo estival
sem pressa aprontando o dia do nascimento.

Palavras novas
se escondem em repetições infinitesimais:
como uma nota num improvisado de jazz,
repetida tantas vezes
até que vira outra coisa.

Dá-se que o jeito de encher as bochechas,
relaxar os lábios,
desnortear a língua,
morder o vento,
rejuvenesce a palavra.

Aí pode ser de virar assobio:
larga os beijos
e arrisca deixar o vernáculo
pra ser fraseado de passarinho:

palavras novas, compadre,
têm cheiro de bebê
mas não usam fraldas descartáveis!

No Mercy!

A poesia é o álibi da poesia
— mesmo que o poeta não mereça perdão.

Teu esquecimento não é anistia
— meu atrevimento não quer compaixão.

Ensaio epifânico, grito de agonia,
meu verso é incesto, não quer ter razão.

Rima sensata? Leis da gramática? Métrica e maestria?
Não! Metáfora profana, ritmo secreto, assombro, tesão:

O que eu sempre fui e jamais saberia,
eis minha poesia — nem rica rima, nem solução.

Novembro de 2008

MetaCyberPoema

Às vezes me surgem assim,
vigor e ímpeto
fervendo na química extravagante
da sopa de sentimentos
que deflagra sinapses
e ordena condutas.

Violam os sete selos dos meus lábios
corrompem os meus dedos
e conquistam impunes
o teclado inerte
derrotando a métrica,
— pagãos de toda gramática.

Invadem o cristal da tela
e agora são luzes e sombras
codificando sonhos e sons
em imprecisos fonemas
— criaturas anárquicas
zombando do meu zelo.

Ah, poema sem poeta,
filho sem acalanto!
Da virtualidade orgânica
partiste sem respeitar
os meus medos, mangando
da minha autocrítica.

Pois te condeno à virtualidade eletrônica:
serás prisioneiro dos chips,
no terrível labirinto dos circuitos
(Teseu sem Ariadne)
longe da ribalta do papel
em que exporias meus limites.

Nego-te teu destino
para que a tua ausência
encubra os enredos
enovelados da minha alma.
Assim, escondidos, viveremos juntos,
a poesia e o quase-poeta.

Até que a arte nos separe.

Janeiro de 2005

Poesia em Lata

Um poeta disperso
e versos diversos
em liquidação:

Sem seu dinheiro de volta,
nem promessas de satisfação.

Capítulo II

Pedra

Acrópole

Sob o peso onipresente
de todas as ausências,
o silêncio das pedras
intimida o vento
e o pó jaz inerte
perante o olhar do tempo.

Dos deuses
nenhum rastro...

Um rosto sem olhos,
hóspede solene do mármore,
espia o sol
que se apaga no mar.

Nos templos
de cansadas colunas
as cariátides carregam
as vigas vazias de telhas
esquecidas das últimas preces
que ouviram.

Não há fogo
nas lâmpadas,
nem pitonisas
nas câmaras,
nem vinho

nas crateras,
nem cordas
nas liras,
nem efígie de basileus
na face das velhas moedas:

o presente deserdou o futuro
nas ampulhetas vazias de horas
e o mundo se despiu dos mistérios.

Só O Poema desafia a eternidade.

Julho de 2012

Raro Parto

Na crua tessitura
das moléculas que juntas
dão à rocha seu sentido primeiro

está contida
a semente da nova coisa
em potência e frustração.

O raro parto,
ousado rapto do abstrato
encravado na densa massa da estrutura,

é repto posto
à não existência pela criação:
desafio sagrado à arrogância da matéria.

O que remanesce, o que transborda?
O que neste objeto é feito?
O que nesta pedra é perda?

A mão na rocha
operando a dura carícia
que à ígnea massa amansa:
eis a circunstância concreta
que inaugura a distância
entre a obra e a sobra.

Ex-voto

Sobre um quadro de Antônio Maia.

O teu destino está explícito:
és propositura e prova do impossível.
Mudo a tudo,
à vida imune,
és o lenho inerme
onde se esculpe o espanto.

Diante do lume
de cem mil velas
teus olhos são sombras —
brilho exilado.

Na pele nodosa da tua essência
imprime-se o pacto da tua existência:
proclamas a inesperada maravilha,
mas jamais serás tu, *per se*, o milagre.

Se te toca, então, o assovio azul
do improvável pássaro,
enervando-te a dura derme,
está violada a arcaica avença:
floresce em ti, madeira morta,
coroa de inverossímeis avencas.

Rompido o fio da tua sina de mero artefato,
operou-se a dramática transubstanciação:
deixastes de ser a matéria que se quis prenda
para renascer na abstrata inteireza da lenda.

Outubro de 2012

Fídias

— no sorriso do mito
o sítio da memória!,
gabou-se hoje o filósofo.
Mas, ontem, aos pés da Acrópole,
quando o sorriso nem se fizera intenção
no rosto branco do mármore,
a solenidade do teu gesto, Fídias,
parecia estranha aos séculos,
afogada na monótona percussão
do ferro sobre a pedra.

Sal e Mármore

Primeiro os homens perceberam
que os Deuses marcavam seus dias de vida
sobre a terra com pedras de sal
lançadas para derreterem sob o sereno.

Depois descobriram o mármore que brilhava sob o sol
e banhava-se sob a mais intensa tempestade,
polindo-se com a fúria do vento
sem que o tempo lhe roubasse a beleza.

Então, aprenderam a domar-lhe a aspereza,
construir fórmulas e definir proporções:
inventaram o belo e desprezaram o excesso
para resgatar o Deus preso na pedra.

E fizeram-no à sua imagem símile,
ressaltando-lhe na pele pétrea
os músculos de carne e sangue
que eles próprios carregavam

como se quisessem testemunhar
em plástica tensão, na arrogância do auge,
ou em cediça flacidez, na sombra dos outonos,
a angústia do impermanente.

Desenharam-lhes feições que conheciam
e sentimentos que viviam intensamente:
A uns, a alegria quase louca;
a outros, a postura hierática.

Removeram montanhas e ergueram templos,
semearam mármore esculpido
com imagens dos divos em montes e vales
e lhes deram morada nas suas cidades.

Os deuses gostaram
de se ver na pedra
com os corpos dos homens e
admiraram seu esforço em imitar a eternidade.
Receberam sem pejo os holocaustos,
dançaram nas procissões
e concederam oráculos,
mas ignoraram a sutil proposta
sussurrada pelo mármore:
continuaram, sempre como sempre,
a lançar sob o sereno
as pedras de sal que derretendo aleatoriamente
marcam o número dos dias da vida dos homens.

Janeiro de 2013

Monólogo Sobre a Pedra

*“Hubo un tiempo en que me preguntaba:
¿dónde está el mal?, ¿dónde empezó la
infección, en la palabra o en la cosa?”
(Octavio Paz, Trabajo del poeta.)*

O que esta pedra tem a me ensinar, João,
além do corte preciso com que me rasgou a pele
e do beijo cortês com que me lambeu o sangue?

Qual a pedagogia da dor ígnea, concreta, inconfundível,
abrigada no útero mineral da pedra como um feto de
[cristal
ao qual se nega, num aborto surdo, o destino de prisma?

Onde está, mestre, a lição sertaneja?
No gesto congelado que se fez poema
ou na trajetória impecável entre a mão do justo e o
[rosto da adúltera?

Como aprender na pedra (apetrecho da dor)
ou na palavra (tecnologia do pensamento),
a arte de refazer destinos e edificar futuros,
sem me perder no brilho do tolo

nem me achar no desígnio da lápide — gramática da
[finitude?

(Onde foi lançado o germe do pecado?
Na carne incorruptível da pedra
ou na alma líquida da maçã?)

Afinal, poeta, é de ação ou de abstinência
que se nutre a pedra para lecionar perdões?

Maio de 2003

Capítulo III

Coisas e Nomes

Arquivo Morto

Eu já o tinha colocado na lista dos meus mortos:
na pasta dos amores rotos e dos destinos tortos.
eu já o tinha colocado na lista dos meus mortos...

Mas a notícia se impôs exata
como os cálculos onde
contabilizara minhas lágrimas:
ele morrera agora, outra vez.

Eu já o tinha colocado na lista dos meus mortos,
seu nome encimava — como num Livro de Horas uma
iluminura —
a página, de sovina composição, da sua literária sepul-
tura.

Eu já o tinha colocado na lista dos meus mortos,
mas não iria lutar contra a cruel evidência:
ele morrera — diziam as pessoas, olhos postos no
rosto pálido que habitava o esquife modesto —
ele morrera de velho...
Mas eu que já o tinha colocado na lista dos meus mor-
tos, sabia:
ele morrera — de novo.

Canção

Para Eliane

Porque o meu coração se hospedou no teu sorriso
o meu prazer hoje é cúmplice do teu corpo,
os meus caminhos são vizinhos dos teus passos,
a minha vontade se fez serva dos teus braços
e as minhas manhãs nascem agora nos teus olhos.

Então ouças o que eu te peço, meu amor:
cuides de mim com desvelo, mas sem medidas,
como quem assobia uma canção infantil
ou colhe gotas de orvalho nos lábios das flores.

Pois eis tudo o que quero:
viver este amor sem agonia,
com a intensidade do fogo
e a simplicidade das nuvens.

Darwin

À boa lembrança de Stephen Jay Gould.

Em Galápagos
a verdade te invadiu pelos olhos
e habitou resoluta o teu estômago.
E eras náusea, febre e agonia.

Camuflada no desenho do bico dos pássaros
ou na solene espera das tartarugas,
a história era um naufrago
que gritava aos teus ouvidos
e mandava mensagens em pedras grávidas de fósseis.

Nos mares do Sul
como um pálido Odisseu
disputavas inquieto
a tapeçaria complexa
que traria em seus bordados
o design da vida.

Profeta de um mundo sem deuses,
celebrastes teu pontificado
lendo nas entranhas dos pássaros
e nas nervuras das folhas
a inexorável regra que alevantou gerações
e soterrou destinos:

infelizes exilados do Éden
trazíamos nos labirintos da descendência
as tentativas e erros da natureza.

Estava descrita a tragédia do mundo
na solução do dilema
que nos faria presas da vida,
reféns do acaso.

(Pelas frestas dos livros,
sob o brilho de um sol outonal,
o olhar triste de Charles nos contempla,
hierático e só —
preso à escarpa,
a águia ainda a devorar-lhe a fibra).

Março de 2012

Espelho

No barro primeiro
o sopro agudo
despejando a alma
na matéria fraca
queima como brasa forte.
Firma-se o molde
e com ele a vida brinca:
fina porcelana sem risco de trinca.

Por isso no espelho
a imagem se reflete
em carne e brilho.
Não é modelo
de imitação vazia:
é vida em dobro
cravada como rima
na repetição solene
que iguala e diferencia.

Para além de nós,
a superfície do vidro
multiplicando a imagem
num labirinto infinito
replica-nos num eco
de luz e fantasia.

Mas, querida, não há nada
feito de sonho ou matéria;
gramática vulgar do real
ou artes de hermética magia
que a vida esperta não possa
traduzir em sutil poesia:
o que o espelho mostra
com eloquência precisa
é tapeçaria de luz e amor
que seu nome guarda
e você anuncia, Luísa.

Aliança

Cogitei te amar
no dia em que
ousaste proteger-me
de um vento apressado
que antecipava o outono.

Hoje, ao sentir
um cheiro atrasado
das ressacas de abril,
assustei-me com a tua falta

(restava vivo na penumbra
o brilho insólito
da nudez dos teus cabelos):

achei que fugias
em desenhos e fantasias
projetados pela luz
numa parede vazia.

Como um velho carbonário
marquei um ponto com o teu destino.

Apressa-te, pois,
para esse encontro tardio:
vem selar comigo
a única aliança possível
entre ti e a tua sombra.

Julho 2012

Gaudí

A catedral lânguida bolina nuvens.
Seus andaimes sustentam o sonho
mantendo os sons em suspensão
(são de séculos seus silêncios).

A nave feita em pedra e paciência
é um útero inchado de preces.

Lagartos e tartarugas
vigiam a arquitetura do milagre.
Na pele multicolor da cerâmica
o barro anima-se em brilho:

a luz pagã da Catalunha,
entregue à catequese dos vitrais,
explode piedosa nas faces contritas dos santos.

(Na rua ingrata da urbe
um carro está sobre o homem,
o sangue tecendo espelhos:
sob o sol de Barcelona,
o pó se impõe à pedra).

Hermética

A arte de se saber,
de comparar-se.
O ofício de se sentir,
de mensurar-se;

A lavoura infinita do cálculo
onde se lavra a testa do Deus
buscando-se a boca do oráculo;

O mister de se pôr em palmas
no mistério circular da existência:
exegese algébrica dos salmos,
equação de tempos e ausências.

Infância I

— I —

A gruta banguela
mordia a paisagem
de ocres e amarelos
salivando o secreto sereno
duma úmida improbabilidade.

Vacas magras e bíblicas
espalhavam paciência
pela tarde estática
e no seu arcaico léxico
ignoravam o destino.

Um aboio solene
esticava a angústia
em varais de paus secos
e severas ausências.

(Na dura estrada de seixos e sonhos
o menino tange rebanhos invisíveis
e, sem que saiba, oferece os pastos da alma
à fome insaciável das saudades precoces).

— 49 —

— II —

Dos dedos do meu avô
fluíam histórias
que ele contava ao mundo
enquanto os ouvidos do neto
cresciam órfãos
de coisas e casos
que depois meus olhos adotariam.

London Leaves

São assim e se lhes bastam:
almas frágeis,
vidas francas...

Damas anacrônicas
de uma decência fatal

não fingem ilusões
nem acalentam esperança.

Enquanto esperam do outono
o vasto salão para a última dança,

desprezam indulgências
e se vestem em pastéis.

Quando, então, se impõe
a fatal estação,

apresentam-se para o baile
sem sinal de hesitação e

bailam com o vento frio
uma valsa serena, sutil e lenta:

caem, por fim, aos milhões,
para um massacre sem lágrimas

sob os passos apressados
de anônimas caminhadas.

São assim e se lhes basta:
vidas frágeis,
almas francas.

Melancólica

*“Se todo tempo é eternamente presente
Todo tempo é irredimível.”
(T.S. Eliot, **Burnt Norton**)*

A tarde se estica inteira,
na abóbada azul-quase-branca
prendendo-se nos horizontes
como o couro de um gato
num tamborim de flandre.

Conspira o sol uma solene farsa
enquanto despeja com zelosa ironia
luzes distintas e sombras famintas,
com a discreta ajuda das nuvens.

A paisagem,
no lusco-fusco estival,
põe-se a mesma,
cuidando de ancorar nas retinas
a ilusão de que mudara.

As horas preguiçosas
tocam nos artefatos ingênuos
uma sutil e monótona marcha,
oferecendo sonoplastia ao engodo.

(Na ponte, horizonte de concreto,
os homens passam
e o ontem se despede,
enquanto a vida apressada
maquia velhos amanhã).

Novembro de 2010

Notícia

“O homem é feito do pó de estrelas.”
(O Globo, 10.08.2011)

No jornal,
em caixa alta,
a revelação
da Astronomia:
uma vez mais
a ciência
chega depois
da Poesia.

Atlântico

— I —

Deus te guarde, Atlântico,
santuário das mil lendas,
berço de todas as auroras,
guardião das entranhas deste mundo.

Salve, celeiro de lágrimas,
cemitério de almas lusas,
Pai de todas as praias,
vereda de todos os sonhos.

Ave, Grande Mar Oceano,
alma líquida do planeta,
país de todos os peixes,
espelho do céu dos meus pais.

Axé, dossel de Yemanjá,
casa grande das sereias,
pasto das aves sutis,
usina dos ventos, mestre das velas.

Oh, senhor das procelas,
boca tosca do desespero,
caminho de tantos exílios,
avenida de todas as voltas:

— 56 —

Nesta manhã cinzenta piso-te as espumas cálidas,
emprenhador de nuvens,
E olho teus cavalos em tropel desde o horizonte avan-
çarem sobre a foz do Real.
Aceita, pois, esta prece tímida: amor e medo na salmoura
de tua invenção.

— II —

(O rio te recebe nos talvegues doces de sua bacia, e te
miscigena na cama estuarina
Enquanto a barra te acolhe entre as coxas num conú-
bio espumoso —
és agora marrom terroso, e teu bramido dorme
nas varas longas do mangue que range.

Agora és maré, inundando os baixios e lambendo os
apicuns.
E até que as horas ditem o teu destino, e a lua cheia
largue os teus cabelos,
Habitarás as restingas e visitarás as matas, bolinando
o imenso dorso do continente).

Palestina

A bala traça
uma via de fogo
no escuro céu do mundo
(a Via Láctea é mero fundo).

Discurso mínimo,
retórica viva:
sermão pó(s)ético
ecoando num temp(l)o sem Deus.

(O aço agora é fogo e brasa,
raio apartado dos dedos de Zeus
bordando a seda da noite
com fios de ouro e desgraça).

A geometria da morte
risca na geografia do medo
linha e rumo do des(a)tino:
o fogo da bala ligando
numa dobra do tempo
o peito do menino
ao dedo do assassino.

Péricles com o Elmo

Não mais o rosto composto
do cidadão na ágora;

agora a bruta efigie do soldado
em ferro e fogo fundida.

(No campo da retórica,
no da batalha renhida
duas faces, uma vida).

Sócrates, o Brasileiro

Sob a chuva
vertical e fria
um homem
magro e ereto
olha o campo e
compõe na luta
uma audaz sinfonia:
bola paixão democracia.

Num inseguro balé
um frágil corpo
mantém-se de pé
constrói o drible
e refaz a história:
o calcanhar
— que derrotara o mito —
sustenta agora a vitória.

Sob a chuva
vertical e fria
um homem
magro e ereto
ergue o punho
e revoga o silêncio;
a multidão acorda
e paralisa o tempo.

Dezembro de 2011

Guitarra Flamenca

O gesto primário contido
em milimétrica tensão:
Nervos postos a ferros
(hereges sob Inquisição).

Um golpe sestroso desata
um raio no azul do verão
e a febre explode tão exata
que a força renasce canção.

Taj Mahal

Mandalas
abrigam pétalas
caleidoscópicas
em geométrico rigor
enquanto bordam mistérios
na face do mármore.

A lanterna
lançada do alto
vara a nave improvável
e deita sua luz sutil
sobre o dossel de pedra.

No azul intenso
de um céu sem nuvens
uma lágrima branca
relembra a dor
que a beleza camuflara.

Ao fim da tarde
o sol — despido de culpa —
veste de ouro e púrpura
a cúpula do templo
que a Saudade erguera ao Amor.

Xadrez

Um coito afoito,
um gozo agônico,
um jogo aflito:
peças e vidas postadas
num tabuleiro em conflito.

Sob uma ação planejada
a batalha ganha sentido:
da torre a sorte é lançada;
na praça um rei abatido.

Trier

Na catedral,
montado num gárgula,
o tempo atento vigia
— vigia o olho da moça
a dor a história a economia:
cuida que a luta de classes
não vire monotonia.

(Nas ruas cansadas dos séculos
turistas alheios à mais-valia).

A casa do Herói pintada
sem cores em demasia
é sutil, quase encantada
alheia a toda apostasia.

Na Porta Nigra,
moldura da cidade,
quase se lê
um aviso patético:
“Oh, vós que entraís,
deixais aqui todo o vosso materialismo
histórico e dialético!”

Julho de 2012

Bob Dylan

Oh, Próspero,
corre à praia:

O menino de rosto fino
e olhos tão velhos
rolando como uma pedra
sob o capricho das vagas —

o sal arrou-lhe a face
em sulcos assimétricos.
Ele zomba do tempo
enquanto canta e

o vento lhe responde,
em curtas rajadas,
como um tocador
de tamborim.

A tempestade
ruge em dois acordes
e ele ri de tudo
batendo nas portas do céu.

Oh, Próspero,
corre à praia!

Fevereiro de 2013

Vincent

Guardou o vento nos pincéis
como um segredo,
depois lançou-o na tela
como um escândalo.

Bandeira

Hasteia no varal
do teu suplício
a rubra bandeira
de todos os dias
como quem faz
um atávico sacrifício,
como quem cumpre
uma velha liturgia.

Lava as manchas
das lágrimas,
da ânsia, da agonia;
oculta o rastro dos orgasmos,
apaga a última alegria:
quara o úmido tesão
na luz intensa do dia.

Abra o estandarte encarnado
sobre as estacas
deste feudo esquálido.
Deixa o sol pagão
inundar de calor o pano,
fundar no lençol
um deserto extenso
seco de saudades,
desidratado de memória:
sertão expropriado
de água e de história.

Agora volta,
pois é hora.
A vida urge,
o tempo cobra:
saca da farpa aguda e fria
a bandeira febril da agonia
hasteada a meio pau
no que lhe coube dessa sesmaria.

Volta, pois
outra vez é noite —
enfrenta o espelho,
maldiga o destino,
sapeca na face
um véu de rouge,
pinta de vermelho
o lábio fino.
Sobre a cama
arria de novo
o pátio antigo:
e mintá
que o seu amor
é seu amigo.

Tereza

Sobre uma foto de Tereza Cruvinel, no DOPS.

O momento era tenso
o inferno era perto
o olhar era lindo
e a menina de bata
encarou o fotógrafo
sem temer seu destino.

O momento era certo
o inferno era findo
quando o olhar do destino
fotografou a menina
já mulher sem a bata:
ela estava sorrindo.

Agosto de 2012

A Ironia de Deus

Para Oliveira Júnior, Athos Pereira e Jozailto Lima

*“Nadie rebaje a lágrima o reproche
Esta declaración de la maestría
De Dios, que con magnífica ironía,
Me dio a la vez los libros y la noche.”
(Jorge Luis Borges, Poema de los dones)*

Àquele que surpreendera
as manhãs do Sul
e escrevera na textura da aurora;

Àquele que amara Homero
e estivera de atalaia
chorando com Ulisses nas tardes longas do Egeu;

Àquele que conhecera
as cinzas de Cartago
e tocara as lágrimas frias de Aníbal;

Àquele que colhera romãs
nos limites do Éden
e bebera o vinho e os versos de Khayan;

Àquele que desvendara
a alma das palavras
e abrira os cadeados da cabala pronunciando o nome
[de Deus;

Àquele que cantara
as sagas das terras frias
e espanara o gelo do elmo de Beowolf;

Àquele que carregara
nas plantas dos pés
o mapa das vielas londrinas de Dickens;

Àquele que recebera
nos cabelos a brisa que habitava os lábios de Whitman
(que, contudo, não lhe legara o sorriso);

Àquele que pisara
as areias que alimentam as ampulhetas
e vira o Islã plantar mesquitas em Andaluzia;

Àquele que vivera
a vida de tantos outros
e guardara a sua na memória dos espelhos;

Àquele que vagara
pela mandala dos labirintos e
com o Florentino conheceria a luz do sétimo céu;

Àquele que vira
nas mão dos arcanjos os códices
que guardam o mapa das nascentes dos quatro rios do
[paraíso;

Àquele que desvendara
o segredo das tabuletas de lama
e lera as palavras que batizavam as coisas na véspera
[de Babel;

Àquele que recebera
dos lábios das onze mil virgens
a promessa de abrigar a alma entre as estantes de Ale-
[xandria:

Pois àquele homem, cuja oração não passara incógnita,
o Altíssimo deu a um só tempo os livros e as trevas.

Cine Brasil

Para Beto Déda

O sétimo de cavalaria,
excitado pelo clarim,
deixou o cinema na Rua do Coité
para entrar, em carga,
na Rua dos Ribeiros,
os cascos ferrados
tirando fogo das pedras
irregulares do pavimento.

Mais à frente, à direita,
subiu a Ladeira de Seu Pierre
amassando o celão vermelho
e ocupou a Praça de São João:
tarde demais!
Sob o frondoso oitizeiro,
despido da cabeleira doirada,
jazia o General Custer
crivado de flechas como
um São Sebastião yanque.

À salvo dos paletós azuis,
rodeando o solitário eucalipto,
os índios comemoravam
comendo tamarindos verdes
e trocando estampas Eucalol.

Janeiro de 2013

Tarde

O sol somou-se à sombra do homem
E tomou o curso da água.

A maré encrespou-se em gris
E o vento já não a molestava.

A garça viu a tarde arder em despedidas.
Do grito fez o canto: o vôo se fez espanto.

Drama

Pende
a flor inerme
dos braços magros
da orquídea.

O tempo rege
a frágil estrutura
que colapsa.

O vento para.
A tarde estanca.
Nada conspira:
tudo contempla

o desespero paralisado
nos braços magros
da orquídea
de onde pende inerme
a flor.

Fevereiro de 2013



Capítulo IV

Quatro Vozes



Autobiografia Não Autorizada de Sam Spade

De mim
saberás o suficiente:
que gosto de café forte
e amo os dias nublados;
que tusso nas madrugadas
e não vivo sem cigarros;
que aposto em cavalos
e apavoram-me as multidões;
que odeio as traições
e não resisto ao desejo;
que amo com desespero
e esqueço com esperança;
que leio jornais com sofreguidão
e me impacientam os versos;
que jogo cartas
e detesto necrológicos.

De mim
saberás o suficiente
para não me perderes na massa
e me encontrares entre os teus pertences,
quando a noite a todos tornar pardos.

De mim
saberás que creio numa única verdade:
Por mais excitante a vida,
por mais bela a história,
tudo caberá, com sobras,
no mármore fatal de uma lápide.

Novembro de 2010

Lázaro

Inspirado em artigo do João Pereira Coutinho.

Oh, mestre, lembro-me
da alegria que me invadiu,
solar e infinita,
quando tua voz gritou:
— Levanta-te e anda!
Meus olhos se abriram,
minhas pernas moveram-se,
um cheiro forte de incenso
descerrou-me as narinas
e os meus pulmões
encheram-se outra vez
com a brisa da minha infância
temperada nos campos de Betânia.

Postos os pés para além da pedra
minh'alma caiu em si:
não acordava de um sonho.
Ao beijar-te os pés,
ao molhar-te o peito,
ao abraçar Marta e Maria,
ao rever os amigos,
as lágrimas já não eram alegria,
mas a angústia de saber que passaria
por tudo outra vez.

Tempos depois
mulheres chorosas
contaram-me do teu martírio.
Corri a Jerusalém,
ouvi testemunhos da tua ressurreição.
Pensei em ti como o Messias
esperado por meus pais:
libertando-nos de César,
restaurando o poder do Templo,
refundando a dinastia de Davi.

Acreditei, então,
que voltaríamos, Senhor,
a conviver contigo
e o sol não cansaria
de regar a terra com sua luz.

Sonhei que estava ao teu lado
lavrando na carpintaria
a mesa dos meus repastos
e a cama que dá descanso ao meu corpo;
arando a dura terra
para lançar o trigo;
colhendo a abundância da oliva
que tempera as carnes,
perfuma o corpo
e unge os reis de Israel.

Então, aos pés das muralhas,
ouvindo Pedro, compreendi:
ressuscitastes, Senhor, mas não ficastes aqui
para enfrentar a marcha dos dias,
acompanhar a falência das horas,
e o drama dos ocasos
quando o céu do deserto se ensanguenta
para dar passagem à noite —
voltastes ao Pai
e destes fim à solidão do Deus de Israel.
Mas, perdoa-me, Rabi,
deixaste-me aqui com o fardo do ressurrecto
que não mudou sua condição mortal
nem reinventou a fortaleza da carne
nem se livrou da angústia da morte —
condenado a cumpri-la duas vezes.

O tempo escreve
com as linhas tortas do meu rosto
a certeza da finitude
e os homens não param de bater à minha porta
para saber o que pensam que sei.
Como um fantasma teimo em estar entre eles.

Estou só e sou único sob os céus que alevantastes:
Marta se foi,
os amigos da minha infância

dormem no seio da terra
e os fariseus me apontam nas ruas
como evidência de uma fraude.
Sei de tudo que pensam que eu não sei
e os suores me afogam a face
por saber do que sei:
sou a encarnação de um trauma
sustentada por ossos rígidos
e moldada por uma carne já velha
onde os nervos abrigam insônias.

Pregam escondido as tuas palavras
e narram o teu evangelho:
De tudo só o que ouço é o grito do Gólgota.
Eu fui e voltei, Senhor, porque me amastes,
mas agora meu nome é Medo —
do transe já vivido,
da dor que conheço,
do cartório de trevas
onde repousa o testamento que me legou
a trágica herança de um duplo ordálio
sem que possa proclamar aos homens meu espanto
nem reclamar aos céus meu abandono.

Novembro de 2012

Lobo

À memória de Cleomar Brandi

Nativo da noite,
procurei abrigo
no porto da madrugada,
despachei em navios
de madeira e linho
os últimos medos
e engarrafei em
vasos sagrados
minha safra de lágrimas.

Com as mãos nuas
despi as ilusões
e me vesti com um sorriso
que ganhei da lua
quando plantava
marés cheias.

Chorei a agonia
de mil crepúsculos
e esperei feliz
as manhãs serem paridas
para acalentá-las
em braços de sal e ondas.

Revoguei o futuro
do meu cálculo
e fiz de presentes
o tempo dos meus verbos.

Zombei da dor
e me doei
em nacos de carne.
Quando roubaram
minha estrada
corri com as asas
que herdei de uma
cigana de seios fartos
e juízo curto.
(Com elas, aprendi a caminhar na brisa
deixando pegadas no sereno).

Fiz-me corsário
sem rei e sem carta,
sem naus e sem ódios.
Surpreendi amores
em desertas ilhas
e com eles formei meu tesouro.
Zombei da prudência de Odisseus:
quando ouvi o canto das sereias
soltei-me do mastro
e brinquei com a morte.

Levantei acampamento
em remotos bares.
Lá hasteei meu estandarte
de sangue e perdões.
Fiz dos amigos
meu invencível exército
e da fé no homem
meu credo derradeiro.

Compartilhei o maná
dos sonhos;
pus a letra
numa canção de exílio;
Desafiei da lei
todos os interditos
e preguei sem medo a insubmissão:
imprimi meu manifesto na alma
para que assim
todos os povos o lessem
sem as armadilhas das gramáticas
nem os riscos da tradução.

Certa madrugada
de breu intenso
matei a covardia:
atei fogo em minhas barbas
e vivi a alegria sagrada
de lavrar a luz
num campo soturno de trevas.

Mas, devo cessar este canto
pois a luz já quebra a barra
e a aurora avisa ao mar que é hora.

Agora devo singrar a alvorada,
pisar sem medo a praia derradeira:
Lanço meu uivo numa gargalhada,
sorvo, tranquilo, a última saideira.

Julho de 2011

Tersites

*“Só Tersites crocota, corvo boquirroto,
a cabeça atulhada de frases sem ordem,
sem tino, desatinos, farpas contra os reis...”
(Ilíada, Canto 2, 212-215)*

Deixei os meus sertões
e vim.
Deixei-os? Não!
carrego-os em mim:
a sua infinita aridez
seus desvarios de luz
sua espinhosa essência
sua deferência sutil
sua obediência astuta
suas feras ocultas
suas pedras impunes
que ferem as patas dos cavalos
e mordem a carne dos homens.

Eis-me aqui, Tróia,
aos pés dos seus muros,
na estranheza da sua paisagem!

Que tenho a ver com a mulher de Menelau?
Acaso provoquei a ira de Aquiles?
Que prêmio me reserva o astucioso Odisseus ?

Coberto de couros
navego no mar de flechas.
Manejo sem descanso a faca.
invento um ódio novo e me atiro
sobre os domadores de cavalos
e seus carros de guerra
matando homens, vindos, talvez,
de outros sertões
de noites curtas
e dias incandescentes.

Os remos longos
das naves negras
repousam inermes
esperando a minha fadiga.

Que Deuses vigiarão minha volta?

Indo e vindo do Olimpo,
metidos no combate dos homens,
escolhem os numes seus valentes
choram a morte dos seus heróis
e encomendam às musas
que cantem a sua glória.

E por mim:
quem se atira do escarpado monte
para deter a viagem da Moira,
atravessando o destino da seta?

Ah, silêncio, cúmplice do olvido!

Grito quando o metal de Heitor
lacera meus ossos
para que ele escreva sua lenda
em cicatrizes riscadas na minha pele.

Quando os heróis fazem libações
e as gorduras das reses
vão acariciar as ventas dos olímpicos
penso que meu nome
será soterrado pelo pó vermelho
e ninguém resgatará meu corpo
do chão terrível do combate.

Que aedo vencerá as manhãs na ágora
cantando o momento em que
salvei Agamenon da lança do tróico?

Quem porá em métrica iâmbica
o dia em que dei cobertura à fuga de Ajax?
Qual das filhas do velho Príamo
dormirá na minha tenda
no dia da divisão dos despojos?
E quem cortará a Madeira olorosa
que alimentará o fogo da minha pira
quando chegar o dia de descer ao Hades?

Mas é de sal o suor que salta-me
da pele manchando a madeira do escudo
e vermelha a língua que se lança líquida
da ferida aberta pelo troiano,
e aguda a saudade dos meus sertões
onde nenhum reino me aguarda
e os campos secam sem sombra
de homem que os semeiem.

Por isso, não me calei diante do Atreide
e pus meu verbo na assembléia dos reis
dizendo coisas que não ousam dizer heróis
salgando meus medos na saliva pastosa
que tempera as palavras duras.

Que me chame de covarde
e me exile da sua simpatia

o vate cego sentado
nas escadarias do templo:

Condene-me o poeta,
mas não me esqueça o poema.

ISBN
Informações de fonte,
papel e,
tiragem.

